



Léa Fonseca Silva

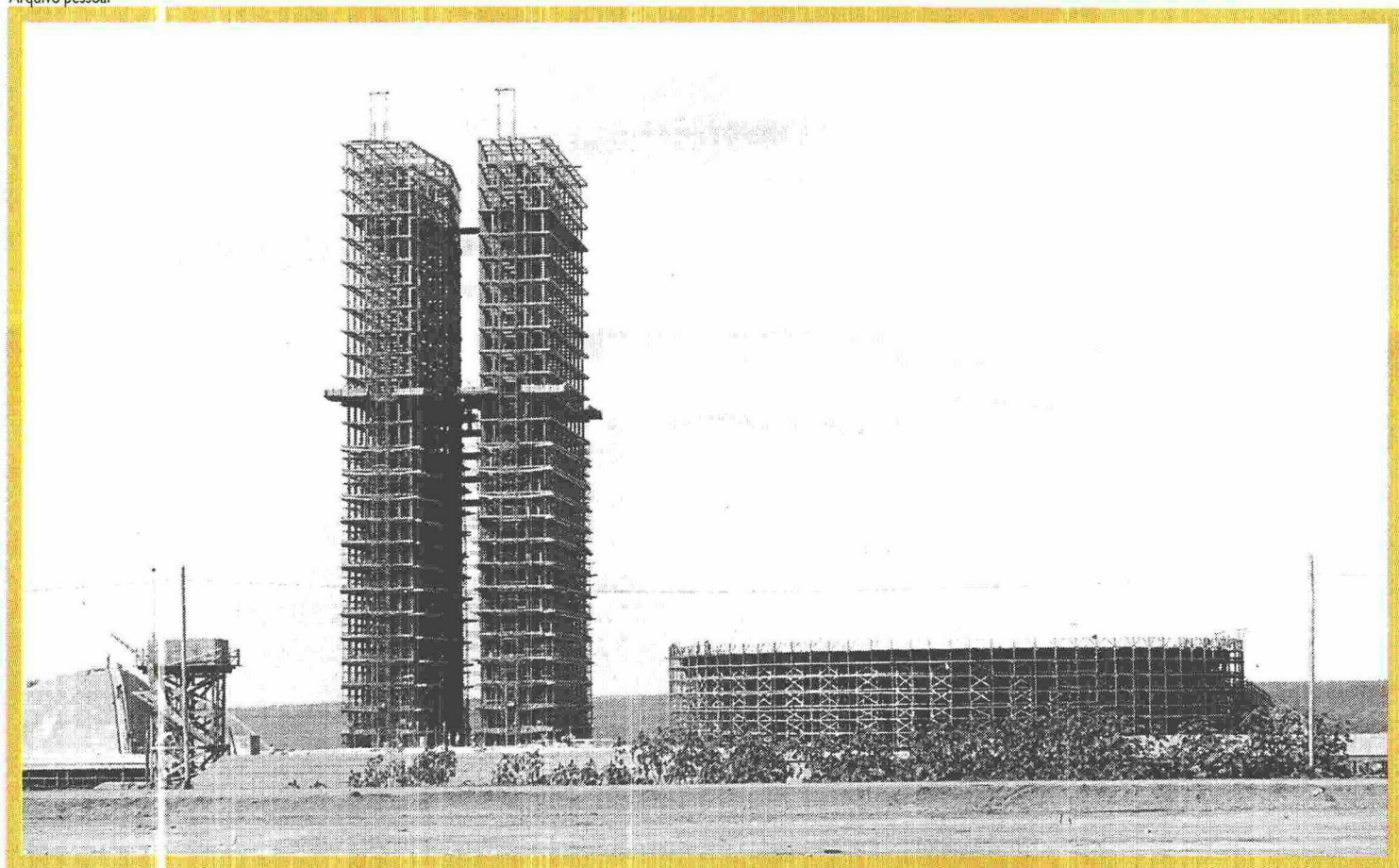
DF-Brasília
042
Reportagem 0029

PIONEIROS

Como funcionária da Câmara dos Deputados, a pioneira não tinha opção. A nova capital seria seu destino. Mas isso não foi problema para ela, que criou com satisfação os filhos aqui

Adaptação fácil à nova capital no centro do país

Arquivo pessoal



VINICIUS NADER
ESPECIAL PARA O CORREIO

Foi guiada pelo seu bom humor e pelo otimismo — marcas presentes em sua personalidade até hoje — que a pioneira Léa Fonseca Silva desembarcou em Brasília, no dia 30 de agosto de 1960. Funcionária pública da Câmara dos Deputados, onde se aposentou com quase 40 anos de casa, Léa não teve muita opção. “Eles fizeram um pouco de terrorismo no início, dizendo que quem não viesse perderia o emprego, mas quem não se adaptou acabou dando um jeitinho de voltar para o Rio de Janeiro”, conta a pioneira. Não foi esse o caso dela, que se acostumou rápido com a nova cidade e, mais de 40 anos depois, continua por aqui.

Para facilitar o processo de adaptação dos cariocas à nova capital, a Câmara dos Deputados trazia seus funcionários a Brasília algumas vezes antes da transferência definitiva, em abril de 1960. “Nas vezes que vim, ainda em 1959, fiquei encantada com a cidade. Achei Brasília diferente, um canteiro de obras que seria a nossa capital”, afirma a pioneira que viu o prédio onde ela iria trabalhar ser construído. Conhecer a cidade antes de mudar-se para cá realmente foi muito bom pa-

ra algumas pessoas. “Foi ótimo vir aqui antes porque fomos nos acostumando aos poucos com a ideia de Brasília. Acho que foi por isso que não tive problema nenhum de adaptação aqui”, afirma ela. Nem mesmo a falta da praia, que era tão próxima do apartamento onde Léa morava no famoso bairro de Copacabana, no Rio de Janeiro, assustou a pioneira. “Posso contar as vezes que fui à praia quando morava lá. Não seria depois de chegar aqui que ia me fazer falta”, atesta.

Com a inauguração de Brasília, não tinha mais como adiar a vinda para cá. Mesmo assim, Léa só veio alguns meses depois, em agosto de 1960, porque estava grávida de sua segunda filha e gozando de licença maternidade. “Logo que minha licença acabou, vim para Brasília com uma criança de dois anos e um bebê de alguns meses para reencontrar o meu marido, que já trabalhava na cidade, em uma companhia aérea no aeroporto”, conta. Das primeiras vezes que Léa veio a Brasília, antes da inau-

guração, a Câmara apresentou aos funcionários onde estavam os apartamentos funcionais a que eles teriam direito. “Ficamos todos de olho nos apartamentos de canto, mas acabei sorteada em um de meio, no bloco 1 (hoje bloco A) da 108 Sul”, conta Léa. Como a funcionária pública tinha duas crianças, o consumo de fraldas pela família era grande e a área de serviço do apartamento era muito pequena. “Era uma época em que as fraldas ainda eram de pano. Tinha semana que eram

mais de 50 panos para secar. Não cabia de jeito nenhum naquela área”, conta. Com tão pouco espaço, Léa escreveu um ofício à Câmara dos Deputados explicando sua situação e conseguiu de imediato a transferência

para um apartamento maior na 306 Sul. Mas a família cresceu mais uma vez com a terceira filha e Léa tinha dificuldade para abrigar os parentes e amigos curiosos em conhecer a capital. “O apartamento continuava pequeno e meu filho mais velho sempre tinha que ceder o quarto para as visitas”, lembra Léa. Por isso, seis anos depois, em 1966, aproveitando-se do bom trânsito que anos de casa lhe conferiram, a pioneira propôs uma troca de apartamento com um parlamentar e acabou instalada na 208 Sul, quadra em que mora até hoje.

Trabalhando tanto tempo na Câmara — Léa se orgulha com toda a razão de ter dedicado 40 anos de sua vida à casa —, era natural que a pioneira tivesse relação amigável com muitos políticos. “Quando o deputado José Bonifácio assumiu a presidência da Casa, pus meu cargo de confiança à disposição para que ele pudesse ocupá-lo com outra pessoa, se quisesse. Ele virou para mim, deu uma risada e disse que eu podia ficar sossegada, pois já deveria estar catalogada pelo almoxarifado como móvel e utensílio do patrimônio da UDN (partido no qual Léa trabalhou durante muitos anos)”, diverte-se a pioneira. Para manter o bom humor e não deixar o ambiente ficar desanimado, Léa fazia sempre almoços — especialmente feijoadas e cozidos — para os amigos da Câmara. “Como meu marido trabalhava no aeroporto, ficava mais fácil trazer os ingredientes do Rio de Janeiro. Além disso, a Câmara disponibilizava diariamente um ônibus para

Arquivo pessoal



LÉA, CERCADA DE FILHOS E NETOS, NÃO PENSA EM SAIR DA CIDADE

que pudéssemos ir à Cidade Livre fazer compras”, conta a pioneira. Não só para fazer compras. Nos finais de semana, Léa e o marido, Wilson, gostavam de ir ao restaurante Amaral, na Cidade Livre. “Eles serviam umas carnes de caça deliciosas lá. E tinham uma variedade enorme de doces caseiros. A promoção era quem comesse de todos os tipos não pagava, mas ninguém conseguia”, diverte-se a pioneira. Outros lugares onde a diversão era garantida eram o Clube do Congresso, “com seu ambiente familiar”, e o aeroporto, “onde as famílias levavam as crianças para ver os aviões decolando”.

Infra-estrutura

No início de Brasília, muitas quadras residenciais tinham problemas de abastecimento de luz e água, o que obrigava os moradores a certas ginásticas. “Faltava luz com frequência logo no início da cidade e eu ficava apreensiva com meu filho no elevador. O resultado é que ele tinha que subir e descer as escadas toda vez que quisesse sair ou voltar para casa”, afirma Léa, que morava no quinto andar.

“FALTAVA LUZ COM FREQUÊNCIA LOGO NO INÍCIO DA CIDADE E EU FICAVA APREENSIVA COM MEU FILHO NO ELEVADOR. O RESULTADO É QUE ELE TINHA QUE SUBIR E DESCER AS ESCADAS TODA VEZ QUE QUISESSE SAIR OU VOLTAR PARA CASA”

Aquela também era época em que as quadras residenciais de Brasília ainda estavam incompletas e o movimento de carro nelas era muito pequeno e, fora dos horários de pico, quase nulo. Pois foi justamente essa tranquilidade que acabou evitando o que poderia ter sido um acidente com os dois filhos mais velhos de Léa. “Meu cunhado, que morava comigo, estava levando as crianças à creche quando lembrou que havia esquecido alguma coisa lá em cima. Ele foi buscar e deixou os dois na kombi, mas meu filho soltou o freio de mão. Como não tinha ninguém e nenhum carro na rua, meu cunhado conseguiu parar a kombi antes de ela bater em algum outro carro”, lembra Léa, que assistiu à aventura da janela. “Imagina se isso é em Copacabana! Essa tranquilidade é que faz com que Brasília ofereça a seus moradores uma excelente condição de vida até hoje. Rio de Janeiro hoje, nem de férias”, finaliza a pioneira. Léa completa que nem que seus três filhos saíam da cidade — o mais velho já mora em Salvador — ela deixará Brasília.

Raio X

Nome: Léa Fonseca da Silva
Idade: 79 anos
Origem: Rio de Janeiro
Ano de chegada a Brasília: 1960
Profissão: Funcionária pública aposentada
Estado civil: Viúva
Marido: Wilson de Aquino (falecido)
Filhos: Carlos Guilherme, Miriam Denise e Cláudia Marisa
Netos: Eduardo, Rafael, Diego, Ana Carolina, Danilo e Guilherme